

SATURNIA

Saturnia a/c Luis Simões Av. Luísa Todi 370A, 2ºesq 2900-454 Setubal Portugal saturnia@netcabo.pt www.saturniamusic.com
Sulatron Records a/c David Schmidt Die Tränke 4 34632 Jesberg Germany info@sulatron.com www.sulatron.com



Biografia

Saturnia é uma criação do multi-instrumentista e produtor Luís Simões na guitarra, sitar indiano, theremin, gongo, bass pedals, órgão, sintetizador, piano eléctrico, mellotron e voz.

Formado em meados dos anos 90, com a ideia de criar uma banda comunal, Saturnia acabou por se transformar numa one-man band de estúdio, fazendo raras aparições ao vivo, consistindo de Simões e um convidado - sendo destes o mais notável Francisco Rebelo - Orelha Negra. A sua estreia ao vivo acontece na "Hora do Lobo ao vivo" de António Sérgio.

Nascido em 1972, Luís Simões é o espírito criativo por trás de vários projetos musicais que desde 1990 marcaram o cenário musical português. Melómano incontrolável e eclético, Simões alia o seu ethos musical à urgência da partilha estética, como motor para a sua incessante criação e interpretação musical.; neste processo tocou e gravou com artistas tais como The Gift, Cool Hipnose, More República Masónica, Sacred Sin, Ritual Tejo, Lulu Blind, Ena Pá 2000, The Firstborn, Nigga Poison, 31 ou Plastica.

Há que destacar o seu papel nos Blasted Mechanism; com quem ganhou vários galardões, sob o pseudónimo Zymon, onde participou no processo criativo da banda em seis álbuns entre 2003 e 2017, tendo saído por divergências artísticas; e também nos Shrine, nos anos noventa, uma das bandas lendárias da primeira vaga do thrash metal nacional.

Luís Simões tem dirigido Saturnia e gravado a sua discografia de oito álbuns - através do Label Germânico, Elektrohasch e agora Sulatron records - essencialmente sozinho com alguns convidados selecionados, como Daevid Allen(Gong), Nik Turner(Hawkwind) e Stefan Koglek(Colour Haze), de uma forma reclusiva, sempre envolto em secretismo, e ignorando qualquer tipo de sucesso mais ou menos standardizado, sempre com críticas notáveis, há mais de 20 anos, o que faz de Saturnia o artista psicadélico Português há mais tempo no activo.

Apesar de o primeiro álbum de Saturnia ser uma fusão de psicadelia clássica com ritmos electrónicos contemporâneos, sete álbuns mais tarde, o actual som de Saturnia reteve pouco ou nada das suas influências electrónicas iniciais e está muito mais no espírito de bandas do fim dos anos 60/início dos anos 70 de space- rock-psicadélico, proto-progressivo; com assumidos piscares de olho a artistas como Pulsar, Pink Floyd, Hawkwind, Can, King Crimson, The Doors, Tangerine Dream e por vezes até toques de Weather Report ou Ravi Shankar.

A música de transe de Saturnia é dominada por camadas de órgão, sintetizador, guitarra e sitar que tecem ambientes calmos, efeitos hipnóticos e melodias esvoaçantes em torno de grooves fundamentais, tudo encimado pela voz suave de Luís Simões.

O que foi dito sobre SATURNIA:

"Uma das bandas mais trippy a tocar actualmente"

Aural Innovations

"Altamente recomendado a todos os viajantes espaciais e àqueles que buscam a consciência alternativa"

Roadburn

"Simões cria um sonho dentro de um sonho, algo absolutamente surreal"

The Aquarium

"Incrível, talento inegável"

Pepper Zone

"Saturnia tem tudo, Saturnia é o yang necessário para a ordem do yin"

StonerRock.com

"A sua abordagem dubby do spacerock é excelente"

Space Rock UK

"Estou impressionado e completamente rendido"

Lowcut magazine

"Saturnia é uma das melhores bandas de psych rock que aí andam"

Corazine

"Alegria e vida são dois elementos de riqueza intelectual e Saturnia é a prova absoluta disso"

Stonerrock FR

"Mágico"

Tinnitus

"Alimentação para a mente"

Hellride music

"Imaginação é A arma na Guerra contra a realidade"

Monolith

"Muito Europeu, muito electrónico, muito calmante, e muito recomendado"

Hellridemusic

"É música com letra maiúscula..."

Noizeland

"Criativa e desafiante, um verdadeiro prazer de ouvir"

Concrete web

"É acender e deixares-te ir!"

Screaming bloody mess

"Dentro do género, é incontornável. Bateu mesmo"

A Trompa

"Há algo lisérgico na água em Portugal-felizmente para a população, o multi-instrumentista Luis Simões bebeu-a toda"

Live journal

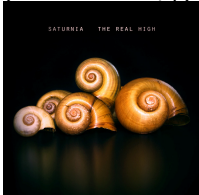
Discografia



Stranded in the Green (2021)
(Sulatron cd/lp)



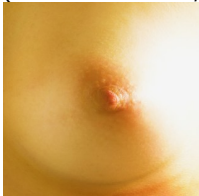
The Seance Tapes (2018)
(Elektrohasch cd/lp)



The Real High (2016)
(Elektrohasch172 cd/lp)



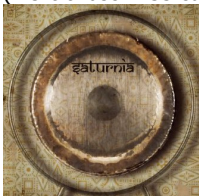
Alpha Omega Alpha (2012)
(Elektrohasch154 cd/lp)



Muzak (2007)
(Elektrohasch119 cd/lp)



Hydrophonic Gardening (2003)
(Elektrohasch 133 cd)



The Glitter Odd (2001)
(Elektrohasch132 cd)



Saturnia (1999)
(Elektrohasch131 cd)

"The Seance Tapes is mandatory"

Loud

"The Seance Tapes" offers the full range of Luís Simões's work"

RockTimes

"Two decades later Saturnia are still a fascinating mystery"

Público

"I want more 20, or more 20000 light years, or 20000 leagues under the sea. Just more, simply"

Público

"After the incredible previous album I thought that they had caught the inspiration in the highest stage! I was wrong, on this album Luis Simões continues to invent amazing psychedelic rhythms"

Gewgaw

"the soft, soulful vocals are sublime"

Astral zone

"There's not a weak track in the set. Highest recommendation!"

Aural Innovations

"Another impressive album by the Portuguese electronic psych act"

Clear Spot

"Great album"

Writing about music

"Saturnia have produced a classic slice of space-rock"

Terrascope

"Muzak is not definitely from this world"

Eclipsed magazine

"Each and every one of the albums ten tracks are masterpieces. Totally mind-blowing stuff"

Psychotropic Zone

"Hydrophonic Gardening is a totally amazing album"

Psychotropic Zone

"This trip is truly indispensable!"

Eclipsed magazine

"Saturnia takes you there."

Público

"A work that surprises redefining the most classical rules of this genre. Its abstract beauty casts instant magnetism"

Atropos Magazine

"This album is simply brilliant. Incredibly intelligent and strangely compelling music at all times"

The Modern Dance

"A psychedelic feast for the mind"

Aural Innovations

"Saturnia have clearly discovered (and rediscovered) new aural life forms."

Exposé magazine

"Sound for the dawn of the new millennium."

Voice

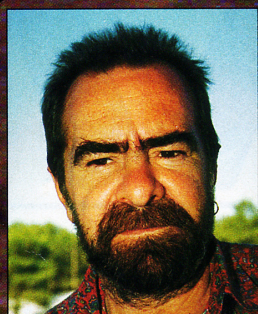
"Saturnia are very original and definitely offer something different."

Aural Innovations

NOTÍCIAS

A HORA DOS INFANTES

António Sérgio



Maquetes, "demos", maquetas como alguns preferem, momentos mais felizes, outros mais para o "chato", eis a caminhada da pachorra para se estar sempre pronto a ouvir "os primeiros gritos" e que no meu caso já acontece há uns bons 30 anos. Aliás, olhando o lado mais profissional, nada poderia ter acontecido de outra forma; se a atitude de "ouvir" não tivesse "lá" podia ter escapado (mas suspeito que por pouco tempo) um single chamado Sêmen e uma banda chamada Xutos & Pontapés. Ao dedicar grande parte da minha estadia na Rádio à divulgação da música nova de além

fronteiras, parecia-me apenas natural dar um espaço a quem me ouvia e que de repente sentia querer fazer música.

E não é que deu certo?! Ao longo desse tempo que larguei para trás tudo mudou no reino das "demos" portuguesas. Na verdade, o cassette de manipulação claramente obstrutiva chegámos nos anos 90 ao luxo do CD R, da edição de autor, dos cuidados nas biografias, nas letras, até nas poses. Fez e faz todo o sentido fazer bem as coisas, se bem que não se deva perder de vista o que importa mais, o som. Vem isto a propósito de uma "demo" a que queria dar saliência. O projecto chama-se Saturnia, parece ser oriundo de Linda A Velha e vive de um mentor principal chamado Luís Simões. O CD que recebemos do projecto SATURNIA é na realidade um hino à aventura no maravilhoso e inesgotável mundo dos sons. Solidamente agarrado à texturas rítmicas e forte, o som Saturnia lança mão de muitas cordas, onde sobressai o glorioso sitar, uma guitarra lapsteel, órgão e sintetizadores, gongs, vozes e muitos loops. E acima de tudo Saturnia tem um convidado muito especial, chamado "ideia" e é exactamente na presença desta que todo o disco desfila. Dos seis temas que

compõe a estreia de Saturnia (quase todos eles de longa minuta-gem) chamou-nos particularmente a atenção Interstellar Rainbow Lung, um tema inteiro de completo que é e que soa, colorido e espaçoso, ao mesmo tempo psicadélico e rootsy. A música de Saturnia está vivada de modernidade apesar dos seus inúmeros acenos a uma certa nostalgia hippie, que não chega para destruir a atenção de quem mais avesso a ideias assim. De facto o som, por muito que se apresente rendilhado e sofisticado, tem (quase) sempre a aliança fundamental e pulsante de um groove muito pertinente. Saturnia é de facto uma surpresa em cheio na ponta final de 99, é naturalmente som para o alvor do novo milénio. Fica agora a curiosidade de ver Luís Simões transpor para palco as situações sonoras de Saturnia. Se quiser mais pormenores via Internet vá a www.geocities.com/sunsetstrip/lounge/6263



Eclipsed 2012



Ein Mann, eine Sitar, tausend Klänge: Luis Simões

Subversive Visionen

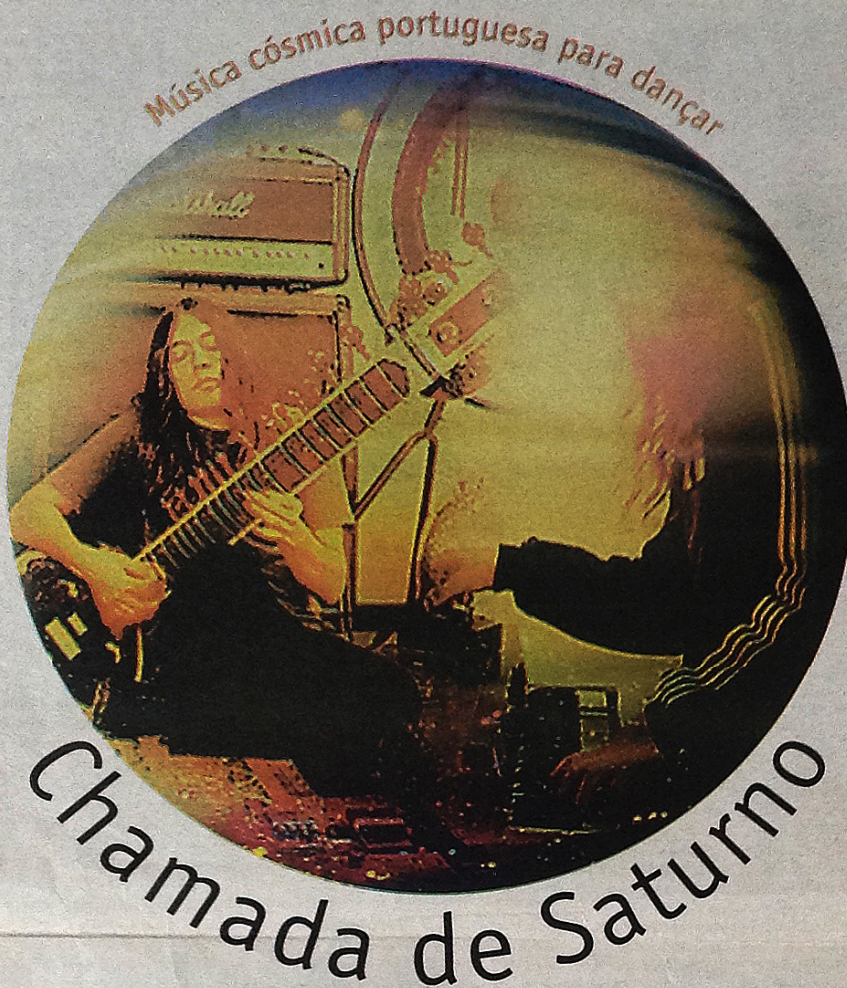
Das neue Album von SATURNIA ist eine erstaunliche Psychedelic-Großtat

picken würde. Dann merkte ich aber, dass ich alle Tracks unheimlich mochte und so wurde es eben ein langes Album", erklärt der Portugiese die Doppel-CD. Knapp zwei Stunden ebenso hypnotische wie butterweiche Psychedelic, voller schwebender Orgel- und Mellotronteppiche, in Watte gewickelter Gitarren, stoischer Drums und – was nicht fehlen darf – indischer Mystik auf Sitar, Tabla, Tampura und seltenen Instrumenten wie Veena oder Santoor. Simões: „Ich mag die klassische indische Musik seit meinen Teenagerjahren. Das ist für mich die Suche nach neuen emotionalen und intellektuellen Eindrücken. Außerdem hat auch die alte Psychedelic-Musik, die ich so liebe, viele indische Einflüsse.“ In Indien selbst war Simões aber nie. „Ich war ein paar mal an exotischen Orten wie Marokko. Aber um ehrlich zu sein, ich habe genug Armut gesehen, ohne Europa verlassen zu haben. Da muss ich trotz all der kulturellen Attraktionen nicht nach Indien.“ Eine Aussage, die zeigt, dass Saturnia nicht nur der Versuch ist, der Wirklichkeit zu entkommen. „Ich denke, dass jede Art von Kunst in gewisser Weise eine Flucht vor der Realität ist. Aber Millionen verschiedene Menschen haben auch Millionen

verschiedene Wege, Probleme zu artikulieren. Und kein Weg ist wertvoller als ein anderer. Wenn jemand meint, dass etwa Bob Dylan oder Rage Against The Machine sich mehr ins echte Leben einmischen als etwa die Beatles oder J. S. Bach, dann ist das meiner Meinung nach nicht korrekt. Auch in der Musik von Saturnia steckt eine klare, wenn auch subversive Vision vom echten Leben.“
Die Visionen von Saturnia mögen subversiv sein, gewiss sind sie auch höchst imaginär, laden ein zu ganz persönlichen Fantasien, zu Reisen in die eigenen Hirngespinnste. Und sie sind allein Simões' Geschöpfe, denn Saturnia ist zu seinem Soloprojekt geschrumpft: „Ich bin ein Eigenbrötler. Jede Idee, die ich habe, muss ich sofort aufnehmen. Da habe ich keinerlei Geduld mit anderen.“ Und so kann – oder muss – er seine Visionen nun allein in Klänge verwandeln.

SATURNIA
Stil: Psychedelic
Artverwandt: Lamp Of The Universe; Vespero; Alisa Coral
Aktuelles Album: Alpha Omega Alpha (7/10)
Review: Heft 12/11 - 01/12

*** Bernd Sievers



Música cósmica portuguesa para dançar

Chamada de Saturno

A nave do "space rock" que no final dos anos 60 foi lançado pelos Hawkwind, Nektar e Pink Floyd e hoje se mantém em órbita com os Ozric Tentacles é habitada em Portugal pelo projecto Saturnia, de Luís Simões. Segundo o próprio, "uma mistura de psicadélico clássico e progressivo dos anos 70 com beats contemporâneos".

Fernando Magalhães

Tudo começou porque o irmão mais velho se casou e saiu de casa, deixando-lhe a colecção de discos em vinilo. Luís Simões, de 27 anos, não se fez rogado. Aprendeu a ouvir e a gostar do passado. Há quatro anos formou — com M. Strange (pseudónimo de Eduardo Vasconcelos), aos quais se juntou mais tarde um terceiro elemento, Vasco Pereira — os Saturnia, um projecto de "sensibilidade hippie para os anos 90" onde se misturam theremins, ondas de krautrock e grooves de drum 'n' bass. "Música cósmica", para viajar. "Trippy", como Luís Simões lhe chama numa alusão às "trips" de música e ácido que há 30 anos atiravam as cabeças para o lado oculto da lua.

"Somos os três músicos com um 'background' de rock mas estacionado nas áreas do 'space rock' e do 'prog rock' do fim dos anos 60, princípio dos 70, dos Hawkwind, Pink Floyd, Gong, esse tipo de bandas", explica Luís Simões. "Em 1996, quando a cena dos Saturnia começou, esse tipo de referências, da 'trip', da improvisação, dos ambientes, estavam completamente excluídas do rock."

Mas Luís Simões percebeu que "essa forma de pensar, essa filosofia" tinha "ficado presa na cena de dança e na cena da música electrónica, mesmo ainda de o drum 'n' bass e do trip hop terem rebentado, com a cena tecno-trance, os 'chill outs', tudo isso".

O que os Saturnia fizeram foi a "fusão" entre esses dois universos separados pelo tempo mas paradoxalmente unidos pelos conceitos de viagem e evasão. O primeiro desses universos herdou-o Luís Simões do irmão mais velho. "Era o que se ouvia sempre lá em casa." Hoje, depois de ter absorvido os velhos álbuns em vinilo que ficaram lá por casa depois de o irmão se casar, fala com à-vontade sobre o livro "Krautrock sampler", de Julian Cope e da foto da capa, tirada do álbum "Yeti", dos Amon Düül II. A música de dança e electrónica, essa, enche o éter do ano 2000.

Basta ler os títulos das faixas do álbum que os Saturnia tencionam em breve editar para se perceber a galáxia em torno da qual gravitam: "Club Aquarium", "The twilight bong", "Interstellar rainbow lung"... Neles, o

"groove" é uma constante mas apontado às estrelas. A tal "trip" que Luís Simões só até certo ponto conota com o consumo de drogas psicotrópicas. Sorri ao falar dos Hawkwind, os quais, neste particular, eram "uma desgraça!". Quanto aos Saturnia, admite que pode haver diferenças entre ouvir-se a música em estado "normal" ou "alterado". Pode ser considerada "uma banda sonora tripante", reconhece Luís Simões, embora negando que seja esse o propósito. "É mais uma música que visa a harmonização do 'eu' com o universo que o rodeia", mas também um "sequencial de religiosidade dopada, de mantras dopados". No fundo, para o ideólogo dos Saturnia, trata-se afinal da "cena descendente do período psicadélico, um psicadelismo contemporâneo". "Busca-se qualquer coisa, não só em relação à música mas, de uma forma geral, do que é a sociedade ocidental actualmente, onde há uma enorme falta de valores, ideias, ideais e crenças." Para Luís Simões, a resposta encontra-se algures entre os anéis de Saturno.

subtle melodic and repetitive rhythmic structures to avant-explorations and sampled sounds; the wood flute by Gayle Ellett is a nice touch also. Cerebral peregrinations of the enlightened psyche. Recommended! — *Peter Thelen*

[<http://www.djamkaret.com>]

Om Attack — “Heavy Rescue”

(Innerspace 7712, 2000, CD)

Well England has its Porcupine Tree, and now America has Om Attack! I have never known much about this subgenre of rock music. Thus, everything about Om's enigmatic CD sounds either ancient, nostalgic, timeless, or dated— I can't decide which. But the clock has stopped at 1971 in this beatnik hippie type of (for lack of a better word) “stoner” music. Almost every tune sits in a kind of laid-waayyyyy-back somber mood that makes “Riders on the Storm” seem like “Light My Fire”! Pink Floyd, and maybe even Popol Vuh (though I doubt they have heard them) come to mind. Organ dominates as instrument of choice, with accompanying drums, in a rather garage-like sound environment. More intermingling of guitar and bass would have been nice; Om chooses however to contrast it with a couple of entirely guitar-dominated songs. Some of the organ-dominated tunes go on for days, but ironically, these extended mood studies are actually vocal songs, the same phenomenon I found with No-Man. The instrumentalists never really break out of their support role. Om's vocalist is clearly the strongest link in the chain: smooth harmonies, which almost remind of Simon and Garfunkel at times, are his stock in trade. If you want to take a trip back, *Heavy Rescue* is the vehicle. — *Mike Ezzo*

Tarantula Hawk — “Tarantula Hawk”

(Life is Abuse LIFE 011, 2000, enh.CD)

There are a number of strange aspects about San Diego-based Tarantula Hawk's debut CD. It is enhanced, which means not only do you get the band's full album, but you also get a grainy, unwatchable, yet fully-listenable, 33-minute MPEG video. Also, the band's line-up of two bassists, keyboards and drums defies the conventional, although this line-up does not exist anymore (the band is now a trio). The Tarantula Hawk sound defies easy description. Start with early Pink Floyd (think “Astronomy Domine” or “Set Your Controls for the Heart of the Sun”). Add the occasional penchant for very experimental sampler and keyboard soundscapes. Stir in the heavy bass-pounding attack of Magma and the oblique and angular melodies of YETI or better, combine one part Iron Butterfly, two parts Arachnoid and one part Eider Stellaire, and let Bernard Parmegiani engineer. Or something. The music-only part of the CD plays as one track, and although there are several distinct segments, the piece seems at least conceptually linked. Unlike the 33-minute MPEG, which basically sounds like a long jam and occasionally noodles as such, the studio album certainly shows more thorough compositional work with lots of rhythmic variation to break up the Floydian space vibe. The fusion of all these influential bedfellows gives *Tarantula Hawk* a very unique vibe, one that will undoubtedly appeal to the fan of fringe, experimental rock. — *Mike McLatchey*

Jerry Richards & Alf Hardy — “Paradogs”

(Hawk Records HAWKVP15CD, 2000, CD)

Jerry Richards is the guitar player for Hawkwind. On *Paradogs* he teams with Alf Hardy. This is a

rhythm and trance type of album, repetitive beats with synth and guitar swirling around. I am finding it pretty cool; it's more rocking than other bands in this genre. One could wish for a better sounding percussion track but it wouldn't be Exposé without bitching about electronic drums. Some of these tracks just plain kick ass; “Flesh and Beyond” has a driving beat with subdued voices and a heavy lead and rhythm guitar. I suppose the songs go on a bit long, but that is the point. To take you from where you are to where you will be; and not in a gentle fashion. Jerry and Alf have put out an addictive little album here, it reminds me of some of the finer Hawkwind moments from the later, electronic period (*It is the Business of the Future...*) combined with the mind-fuck sound of long ago. If you are a fan of Hawkwind I would definitely check this one out. — *Dane Carlson*



Saturnia — “The Glitter Odd”

(Cranium Music NZD34.50, 2001, CD)

Saturnia returns with their second CD of Portuguese psych/prog blended with modern rave and drums-and-bass music. The band is still a duo led by multi-instrumentalist Luis Simoes. This time around, keyboardist Francisco Rebelo joins him. For a duo, the band really creates a pretty full sound. The group makes music that sounds like some DJ took a few old Syd-era Pink Floyd albums and made dance remixes of them! The sitar is there. The gong is there. The Theremin is there. The cheesy organ is there. This is definitely head music, but with a dance twist. Most of the songs have lyrics, but you wouldn't necessarily realize it. I actually didn't notice any lyrics until the second listen through! The vocals are either too soft, too processed, or so much else is happening that they blend seamlessly into the sonic backdrop of the rest of the piece. Sound effects and atmospheric noises make up a large part of the audio palette and are effectively employed. The high-resonance Moog sounds, filter sweeps, wind noises and waterfall sounds all blend in interestingly with the dance beats, sitar, and synth bass. Songs like “Chrysalis” and “Borealis” show off the best of this band. Saturnia proves that spacey psych music can be successfully blended together with modern club sounds without seeming overly repetitive or boring. “The Glitter Odd” is an interesting and enjoyable listen. — *Mike Grimes*

Muros De Agua — “Muros De Agua”

(Smogless Records, SR-2027, 2000, CD)

Muros De Agua are a Mexican three-piece of keys, bass and drums/percussion. Rather than ascribe to any existing notion of style or format they

instead venture into largely intuitive terrain on these twelve pieces. The tracks are all instrumental, yet the booklet contains notes pertaining to each piece, as though there is a thematic scenario that guides each. Quotes are attributed to everyone from Charles Darwin to Miles Davis to Marshall McLuhan, imparting an intellectuality that gives the tracks extra dimension. Several styles are broached, ranging from the piano trio jazz of “Obsidiana” to the prog rock of “Ojos de Condor” to the electronica of “Calle de los Muertos.” In fact, if I had to provide any reference for what this group is doing it would have to be the German electronica of Popol Vuh or perhaps mid-period Amon Düül. The depth of creativity and imagination behind the material is remarkable and I applaud the group for shirking convention with such abandon. If I had to find fault with this disc it's with the overall sound which is noticeably flat, smacking of a low-budget recording job. It's a minor quibble, really, since the sheer ingenuity of the material is left undiminished. Highly recommended. — *Paul Hightower*

[cesart@jwm.com.mx]

El Diablo — “El Diablo”

(Smagless Records Sr2026, 1999, CD)

This album was released as recently as 1999, but when listening you'd be easily forgiven for thinking it's a reissue of much older material. El Diablo is the Mexican g/b/d trio of Victor Jerez, Fernando Benitez and Ivan Nicholas, with guests on other instruments. These guys want to be an old psych band so bad they even have sitar here and there. There are also pro-drug messages in the liners, although none are required to enjoy this music. As already mentioned, jamming psych that recalls the early 70s seems to be the modus operandi here, as the band engages in long, linear build-ups of tension and dynamics, placing the emphasis on the moment. Indeed, one gets the impression that this album was recorded pretty quickly, without a lot of studio magic or even advance preparation. Although this is hardly an original approach, the band covers all the bases pretty well, and this is loads of fun to listen to. Whether it holds up against dozens of other jam bands, or even has much to distinguish itself from such, is another question, but those who this kind of sound could do a hell of a lot worse; this is a cohesive throwback to more drug-addled times. — *Sean McFee*

[members.xoom.com/peyoterock]

Stanislav Kreitchi — “Ansiana”

(ElectroShock Records ELCD-016, 2000, CD)

It is said in a Ridley Scott sci-fi epic that “in space no one can hear you scream”; well in this case maybe they should! Noted Russian composer and engineer Kreitchi has been involved in the nuts and bolts of electronic experimentation for over forty years, together with space music pioneer Artemiy Artemiev (co-composer of works with Peter Frohmader). The album's eight pieces are composed works of deep ethereal expansiveness with electronic wind gusts performed on the ANS custom synthesizer. There's not much going on musically between these pieces so if the focus is turned toward environmental, the results are less hindered by unfair parameters. Opening track “Birth of Vertical” could have some deep intangible meaning in context of the eleven minute running time, but it's elusive at best. That doesn't mean the ambient pieces are irrelevant though. “Ellapsiada Part 1” begins with plaintive bells before transitioning into a subtle percussive section that is both

SATURNIA

Música para escapar

'Hydrophonic Gardening', o novo álbum dos Saturnia, potencia a demanda sonora anterior. Se o sonho – 'progressivo retro progressista' – é o mesmo, a sua tradução musical é geradora de um imaginário palpável como nunca

➤ MÁRIO LOPES

«Os Saturnia sempre se predispuseram, de forma voluntária, a uma existência quixotesca», dir-nos-á Luís Simões, Saturnia «main man» – e desde *Namaste*, entre muitas outras coisas, guitarrista dos Blasted Mechanism – enquanto esvazia o bule de chá no anoitecer de café lisboeta despedindo-se de mais um dia.

Quando Cervantes foi chamado à conversa, já tínhamos visto o novo álbum do grupo, *Hydrophonic Gardening*, pelos olhos do seu criador (o «co-piloto» Francisco Rebelo, teclista dos Cool Hipnoise, reserva-se para palco e estúdio), já o ouvimos declarar «que, para Saturnia, a realidade é uma coisa que não interessa».

Quem deles conhece a primeira gravação, homónima, datada de 1999, e o álbum de estreia, *The Glitter Odd*, lançado dois anos depois, não precisa de explicações suplementares – já sabe que os Saturnia são um ovni musical gravitando sobre o universo pop, gente que segue rota indiferente às órbitas desenhadas nas voltas e contravoltas da música popular.

«É música profundamente idealista, utópica, romântica até – no sentido de escola romântica, de arte romântica. É música feita para que os que a ouvem possam escapar, mas também é feita porque quem a cria necessita desesperadamente de escapar, constantemente».

É música – agora dizemo-lo nós – que resiste ao tempo porque não se preocupa em dei-

xá-lo correr, é música de quem dá mais importância à viagem que ao destino, é música, concretizando fronteiras, de quem apanhou a nave de *Set the Controls for the Heart for the Sun* a meio caminho do seu trajecto e prossegue na descoberta de segredos por desvendar – os possíveis entre a realidade ignorada e a que se cria quando a mente submerge em som.

É certo que, a início, Luís Simões era bastante objectivo: os Saturnia tinham por propósito fundir o sonho psicadélico de 60 e 70 (o prog e a head-music) com o que via como seus descendentes «espirituais»: a cultura rave. Isso era 1999. Quatro anos depois, ouvir *Hydrophonic Gardening* é deixar de lado a concisão da fórmula. A deriva sonora está plenamente concretizada em linguagem própria. «Quer em termos de ob-

jectivos, quer em termos de direcção, acho este o nosso disco mais sólido. É o terceiro degrau, o último passo até chegar ao patamar para um novo lance de escadas» declara Simões. «Todas as influências estão lá – o kraut, o psicadélico, o progressivo. Foram assimiladas, mas misturadas cerebralmente. Tudo está diluído numa só coisa». «Coisa» essa, *Hydrophonic Gardening*, que Simões apresenta como resultado de «um ano profundamente espiritual de ioga e meditação». Dos anseios zen, há muito tínhamos dado conta – que mais, senão a chegada a esse nada onde tudo se une, poderá significar o lento mas fortíssimo carácter hipnótico desta música?

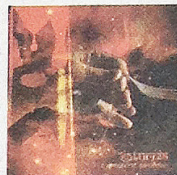
A afirmação, contudo, exige que perguntemos: É nessa procura de

serenidade que encontramos a génese de *Hydrophonic Gardening*?

«Altero momentos em que me limito a existir – divirto-me e gasto-me o máximo que posso –, com outros de hipocondria. Depois preciso de um eixo que reequilibre as coisas. O período de gravação do disco foi um deles. Após um ano carregado de 'rock' na minha vida, estava esgotado. Deixei de fumar, de beber, virei-me para os chás, comecei a fazer ioga – algo que pratico para ficar saudável e, quanto me sinto bem, abandono em favor de coisas mais 'tóxicas'. *Hydrophonic Gardening* aconteceu nesse lapso de tempo e», confessa, «foi extremamente terapêutico».

Foi então assim, da auto-terapia, que nasceu uma viagem mais por um microcosmos para o qual há poucos guias disponíveis. É estranho que, para adquirir bilhete, tenhamos que recorrer ao site da italiana Mellow Records (www.mellowrecords.com) – não há distribuição portuguesa do disco... –, mas a fuga oferecida recompensa o esforço. Se pararem o carro numa falésia e olharem o mar enquanto o disco corre em fundo, não estranhem. É cliché visual previsto no manual da máquina sonhadora de Luís Simões.

O DISCO



Saturnia
Hydrophonic Gardening
Mellow Records

Em *The Glitter Odd* tudo se passava entre o ruído de agulha descendo sobre o vinil e o da mesma abandonando a última estria do disco. Em *Hydrophonic Gardening*, tudo se passa entre o gotejar do início do tema título e o que marca o fim de *Omnia*. Aqui, os Saturnia aperfeiçoam a máquina onírica até ao ponto em que já não é o sonho de outro que vislumbramos, é um nosso que nos convencem estarmos a viver. Orgânico e digital mesclados até à indefinição, ouvimos jams que se prolongam como se ditadas pelo descontrolo do momento, mas que se revelam, de camada em camada sonora, obra de arquitectos sónicos capazes de construir cidades no espaço. M.L.



SATURNIA

Há projectos que ainda não conseguem distribuir os seus discos em Portugal.

Os SATURNIA são exemplo disso:

vão já no segundo álbum editado e distribuído apenas além fronteiras.

Texto: Mário Vieira Foto: Rita Carmo

Desenganam-se aqueles que ao lerem o nome da banda formularam logo um juízo estereotipado. Os Saturnia não são uma banda de metal nem de música gótica. É o rock progressivo que os move, com uma boa dose de psicadelismo à mistura. São «uma espécie de "headband" contemporânea», nas palavras do mentor do projecto, Luís Simões. O percurso dos Saturnia foge a todas as convenções. Não são uma banda no sentido tradicional do termo, a formação já mudou por diversas vezes, são raros os concertos que dão e — pasme-se — não têm nenhum dos três trabalhos de estúdio distribuídos no seu próprio país.

A ideia de um projecto com estes contornos remonta ao início da década de 90, mas quando Luís Simões começa a gravar, em 1996, não é com a intenção de dar vida a uma banda. «Apercebi-me que algumas músicas tinham de facto uma direcção, tomada de forma praticamente inconsciente». Essas gravações delinearão a primeira demo, que após uma tentativa frustrada de edição fica fechada a sete chaves.

No início dos Saturnia, a intenção não era a de fazer algo exclusivamente musical mas sim um trabalho multidisciplinar, aliando a música à imagem, através do vídeo, e à poesia. E foi com a demo que se materializou esta intenção partilhada com Filipe Homem, o então responsável pelo sintetizador e pela área do vídeo.

Este início rico em ideias acaba por levar a diversas reconfigurações. Com os seis temas que compõem a primeira gravação dita oficial, datada de 1999, a intenção de fazer um projecto de mix-média cai por terra: «A ideia de fazer uma coisa que não fosse só música revelou-se complicada, inviável, e cheguei à conclusão de que quanto menos gente menos confusão», constata Simões.

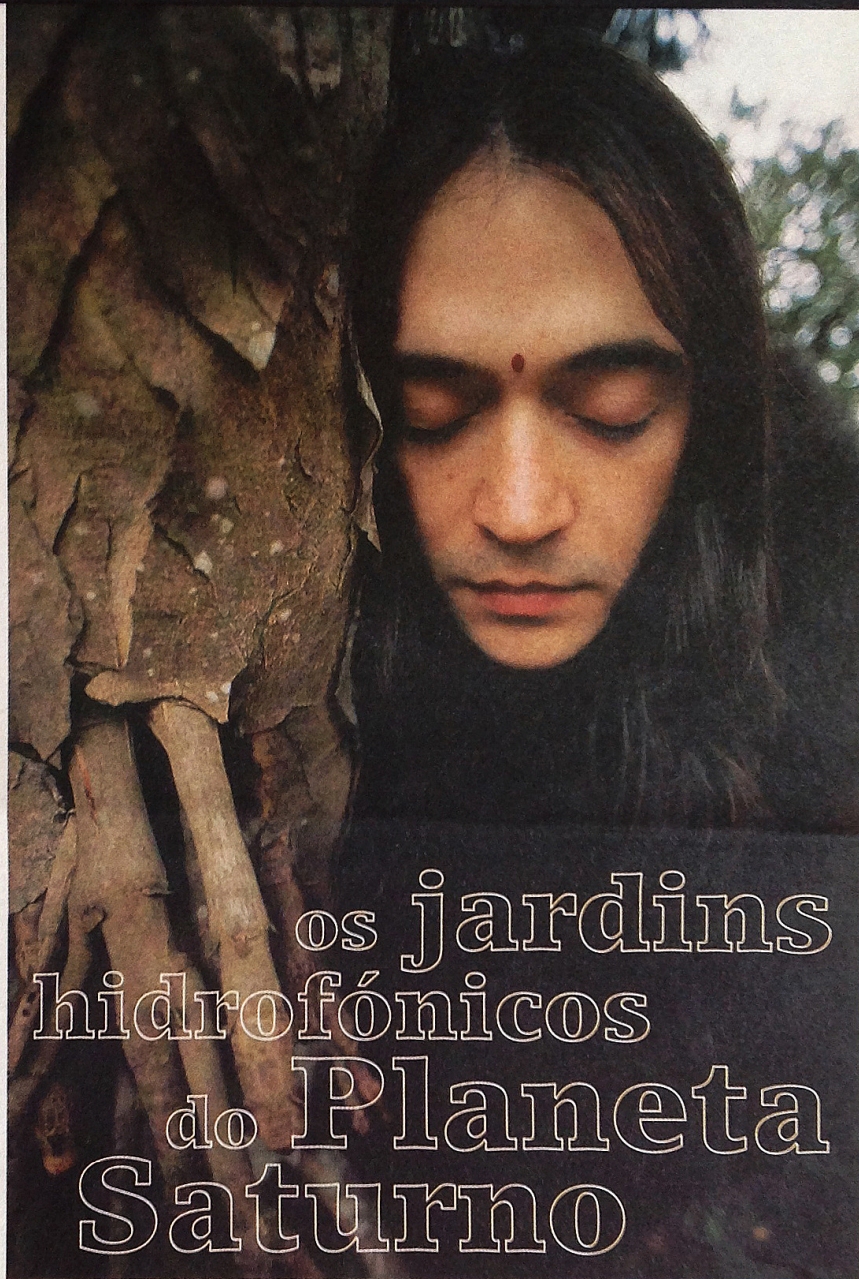
O primeiro álbum, homónimo, é inteiramente gravado, editado e distribuído por Luís Simões e o novo elemento Eduardo Vasconcelos (aka M Strange), e trata-se «apenas de um CD-R que nós vendemos». O nome Saturnia abrange uma panóplia de termos e conceitos: conjuga o espaço e a ficção científica, para onde o planeta Saturno nos remete, com o naturalismo simbolizado pela borboleta Saturnia, e o hedonismo, a filosofia do prazer livre, patente no termo Saturnalia, «que traduzido de grosso modo quer dizer orgia ou bacanal».

«Quando falas em bandas underground em termos nacionais falas em 500 ou mil discos vendidos, por mais que as pessoas mintam aos jornalistas. Em Portugal é difícil vender discos».

Após a edição do primeiro registo, que «mexeu um bocado no circuito underground e teve algumas críticas boas», os Saturnia voltam a sofrer nova reestruturação. As diferenças de opinião respeitantes aos espectáculos ao vivo fazem com que Vasconcelos abandone o projecto: «Ele tinha uma concepção dos Saturnia como um projecto de estúdio, o que eu não acho que seja absurdo, mas considerei que se deviam fazer alguns espectáculos, por mais underground que fossem». A seguir, em 2000, Vasco Pereira junta-se a Luís Simões, mas por pouco tempo. Finalmente, com a entrada de Francisco Rebelo (Cool Hipnose, Spaceboys) para teclista dos Saturnia e a gravação do segundo registo, *The Glitter Odd*, que tem edição através da neozelandesa Cranium Music, o projecto evolui em diversos sentidos: «Entrámos na onda de abordar o álbum como uma peça inteira, apesar de também termos músicas no sentido tradicional do termo».

A sonoridade da banda conjuga dois mundos diferentes: os ritmos modernos proporcionados pela produção digital e o psicadelismo tradicional, com a inclusão de instrumentos como a sitar e o gongô. Há outras influências como a música indiana e a música clássica contemporânea que, adicionadas aos dois pólos principais, faz com que cheguem «a um ponto em que talvez hoje não se possa dizer que os Saturnia são uma banda com psicadelismo em cima de beats actuais», defende Luís Simões.

As colaborações com bandas como os The Gift, Blasted Mechanism e Cool Hipnose trazem influências naturais. Mas talvez seja relativamente aos Cool Hipnose que essa influência se explique mais facilmente. Embora não esteja presente de forma explícita, ela revela-se



os jardins hidrofónicos do Planeta Saturno

pela inclusão de novos «sons e instrumentos que não faziam parte do universo dos Saturnia».

«A nossa relação com a Cranium correu bem, o disco vendeu bem para o meio que é, e teve críticas muito boas». Mas a mudança de editora acaba por acontecer. O terceiro álbum, *Hydrophonic Gardening*, está pronto em Novembro de 2002. Depois de apresentarem o projecto a várias marcas optam pela italiana Mellow Records. «É uma editora que vende muito bem em sítios como o Japão e a Alemanha, o que foi positivo para o estatuto da banda».

O facto de nenhum dos discos editados ter distribuição em Portugal é algo que, segundo Luís Simões, acontece «porque a indústria portuguesa é como é, porque ninguém esteve interessado. Não me diverte, obviamente, eu quero vender discos, mas não me aborreço». Isto porque uma banda como os Saturnia tem mais possibilidade de ser bem sucedida no exterior do que em Portugal: «Quando falas em bandas underground em termos nacionais falas em 500 ou mil discos vendidos, por mais que as pessoas mintam aos jornalistas. Em Portugal é difícil vender discos».

A ligação dos Saturnia com um certo misticismo está presente

em todos os momentos da carreira da banda, mas é com o último álbum que isso se transfere, de forma óbvia, do som para o imaginário visual, sobretudo para o grafismo do disco. Não é, contudo, dessa espiritualidade que nasce o nome do disco: ele chama-se *Hydrophonic Gardening* porque «o modo como foi feito é um pouco como quem cuida do jardim e das flores em casa, num ambiente muito hermético e de forma manual, tradicional».

Luís Simões não se assusta quando lhe atribuem influências dos Pink Floyd: eles são uma das grandes referências musicais dos Saturnia, ao lado de bandas como os Nektar e os Tangerine Dream. Mas as influências não se esgotam aqui, indo também ao encontro da electrónica dos Portishead e dos Moloko e aos compositores contemporâneos John Cage e Karlheinz Stockhausen. «A minha prioridade sempre foi a música em si, compor, fazer música para ser ouvida mais do que tocar para eu próprio me ouvir». ■

*Hydrophonic Gardening foi editado no final de 2003.
Site da editora: www.mellowrecords.com*

O enigma Saturnia



Os Saturnia são uma viagem longa de 13 anos – invenção de um homem, Luís Simões, habitado pelo imaginário do sonho psicadélico.

Mário Lopes

A viagem já vai longa de 13 anos, mas os Saturnia ainda são um enigma, um nome que só conspiradores d'aquém e d'além mar reconhecerão imediatamente. O mistério, de resto, faz parte do jogo. Ou entramos ou não. Eles estarão ali, disponíveis, mergulhados no seu universo de digressões cósmicas e eléctricas, de *trance dances*, *arcadian watchers* e *cosmonication*: "I am utopia", exclamam. *Alpha Omega Alpha* é o título do seu novo álbum, o quarto desde a estreia homónima em 1999. Os Saturnia, viagem muito pessoal de Luís Simões, são música nascida em casa mas com dimensão de uma galáxia bem medida. Continuam a expansão.

Continua o sonho psicadélico, o desejo de transcendência do space-rock. "A música de Saturnia não se impõe nem se quer impor. Não quer ser nem agradável, nem desagradável. Brota sem querer incomodar. São uma força *polite*", diz o seu fundador. "Se o ouvinte tiver a capacidade de focar a sua atenção naquele pontinho no mundo que são os Saturnia, facilmente se deixa levar", continua. Há 13 anos que uma pequena comunidade mundial fora se anda a deixar levar. Embrenha-se nesta música que, cite-mos alguns exemplos caros ao seu criador, parece gravitar no espaço sideral inventado pelos Pink Floyd mais planantes, pelos Tangerine Dream que divagam entre vagas de sintetizadores, pelos Pulsar que deram a França novas propriedades psicadélicas. Parece. Mera ilusão. Porque *Alpha Omega Alpha*, álbum duplo em que Simões filtrou tudo aquilo que deu forma aos Saturnia até atingir o núcleo mais puro da sua música, é um trabalho de alquimista sonoro capaz de criar uma massa que revela novos pormenores a cada nova audição – e de efabular, digamos assim, com toda a classe: ouça-se a fluidez orgânica da bateria e saiba-se que foi samplada e montada meticulosamente para soar daquela forma.

Eremita?

Esta banda que começou como união dos cosmonautas sónicas dos anos 1970 aos *ravers* electrónicos da década de 1990 – hoje a electrónica remete-se a um papel secundário – vem de um lugar específico. Da casa de Luís Simões: "Seria impensável para mim ir para estúdio, mesmo que fosse o melhor estúdio com o meu produtor de sonho. A música dos Saturnia, super arranjada, muito trabalhada, nasce do meu dia-a-dia caseiro". Nasce da cabeça de Luís Simões e daquilo que a "bolha" Saturnia lhe suscita: "É um universo que tem uma relação simbiótica comigo. Toco a música e sou tocado por ela, como um carril que é um escorrega", ilustra. "Tenho algum controlo, mas deixo-me levar".

Para Simões, há uma razão para a permanência do rock psicadélico ou progressivo – ele, conhecedor profundo e enciclopédico desse mundo, é mais do primeiro que do segundo – se manter presente na actualidade e continuar a fomentar nova criatividade, novas bandas, novas expres-

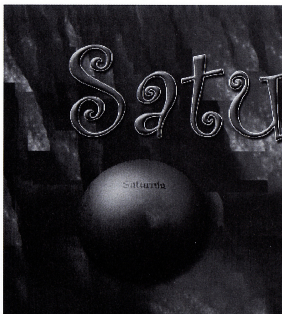
sões. Existe "a vertente muito importante do sonho, que é o *ex-libris* desta música, mesmo no progressivo, que eram muitos sonhos muito organizadinhos". E existe o facto de, para a maior parte das bandas daquelas primeiras vagas, "ser inconcebível fazer algo que não fosse absolutamente autêntico e genuíno, no sentido de representar uma vivência, um eu interior": "Quer falemos do Florian Fricke [Popul Vuh] na Alemanha, dos Pulsar em França, dos Arti E Mestieri em Itália ou dos Tantra em Portugal, falamos de uma visão única. A que só eles tinham acesso". Acrescenta: "Aquilo que também vende alguns discos de Saturnia, em quantidades até surpreendentes para o trabalho promocional que é feito, que é basicamente nulo, é isso". Os Saturnia, cujos concertos dados em Portugal ao longo de quase década e meia se contam pelos dedos das mãos (e cujos discos não são fáceis de encontrar por cá), mas que são nome de culto para a comunidade atenta ao psicadélismo e ao progressivo (com edições esgotadas e demais sinais exteriores de sucesso), subsistem rodeados por uma aura de mistério e invisibilidade.

Há cerca de dois meses, coisa rara, andaram em digressão. A sua editora, a alemã Elektrohasch, convenceu finalmente Simões. Se existe a música – a dos álbuns *Saturnia* (1999), *The Glitter Odd* (2001), *Hydrophonic Gardening* (2003), *Muzak* (2007) e *Alpha Omega Alpha* (2012) –, se existem um Nik Turner, dos Hawkwind, ou um Daevid Allen, dos Gong, a elogiá-los (e a colaborar no anterior *Muzak*), se existe gente espalhada pelo mundo desejosa de os ouvir, porque não mostrá-la por fim? Foi o que pensou Simões. Acompanhado pelo teclista Tiago Marques, andou com os alemães Colour Haze por Bremen, Colónia, Viena, Linz ou Londres.

Não o julgaremos porém um eremita, fechado em casa a criar música que, por reserva, não leva ao público. Ano após ano, muitos milhares viram-no em concerto, escondido atrás da máscara de Zymon, um dos alienígenas que compõem a formação dos Blasted Mechanism. Mas os Saturnia, no universo de Luís Simões, são outra coisa. São a "entidade" – é assim que se lhes refere – em que descobrimos mais dele. São um percurso e uma procura. Com o seu ritmo próprio. "A corrida dos Saturnia é muito diferente da da generalidade das bandas. É mesmo uma corrida de longa distância. Aliás, nem a vejo como corrida, porque se move tão lentamente. Não estão a progredir em termos de sucesso, mas funcionam a outra velocidade, com outra percepção das coisas". São, diz, aquilo que faz todos os dias quando está em casa. São o seu tempo livre tornado tempo útil, a sua expressão última. Uma realidade paralela que não se mostra e não se esconde.

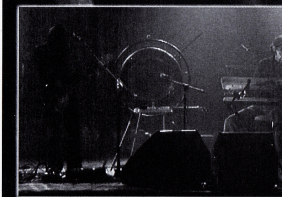
Os Saturnia estão onde sempre estiveram. Disponíveis para serem descobertos. O primeiro passo, contudo, terá de ser nosso. Eles não se desviarão do seu caminho.

Ver crítica de discos pág. 29 e segs.



Entretien avec Luis Simões
Propos recueillis par e-mail par: Alex Willern
Site du groupe: www.saturniamusic.com

Comme le dit Luis Simões, Saturnia, c'est du rock psychédélique, mais ce n'est pas ce que. Si l'idée de départ était de ramener la grandeur des vieux jours à une dimension plus contemporaine, la musique de Saturnia surprend toutefois grâce aux multiples influences de son auteur. Venez, Luis Simões vous invite pour un voyage spatial vers Saturne, l'infini et au-delà.



Musiciens : Luis Simões & friends

UN PAPILLON DANS L'INFINI ET AU-DELÀ...

Prog-résiste - Saturnia est un groupe qui a déjà une longue histoire et plusieurs albums à son actif. Peux-tu nous raconter brièvement l'histoire de Saturnia de sa création à nos jours ?

Luis Simões - J'ai créé Saturnia en 1996 avec l'intention de faire un projet qui impliquait non seulement de la musique, mais aussi de la vidéo, de la photographie et de la poésie. C'était un projet très ambitieux tant artistiquement que pratiquement, et ça n'a pas marché. D'un point de vue musical, l'idée était de faire du Space Rock psychédélique dans un contexte contemporain et électronique. Une sorte de nouvelle forme de progressif si tu veux. Je me suis alors engagé dans une direction musicale pure et j'ai enregistré Saturnia avec Eduardo Vasconcelos aux claviers en 1999. Eduardo a ensuite quitté le groupe car il pensait que nous devions être un groupe seulement de studio. C'est alors que Vasco Pereira a rejoint le groupe et est resté pendant environ un an. En 2000, Francisco [Rebela] proposa de venir jouer en concert. J'ai alors fait *The Glitter Odd* (2001), *Hydrophonic Gardening* (2003) et *Muzak* (2006).

PR - Pourquoi Saturnia ?
LS - Le nom est un jeu de mots entre la planète Saturne et le mot Saturnalia, une fête chez les Romains. Je voulais un nom qui avait quelque chose de spatial, un côté science-fiction, une sorte de sensualité hédoniste et une vibration organique. Ce n'est qu'après avoir mixé les deux mots que Felipe Homen et moi-même avons réalisé qu'il existait aussi un papillon appelé Saturnia. Cela a donné au nom du groupe une nouvelle dimension naturelle, écologique et biologique.

PR - A l'écoute de Muzak, je me suis dit :

« Ça ! C'est du vrai rock psychédélique ! »...

LS - C'est en effet une manière de la classer. Mais ce n'est pas que ça. Saturnia, c'est du psychédélique, du Space et de la musique intelligente faite de plusieurs composantes musicales telles que la musique classique indienne, la musique concrète, le Easy listening, le rock progressif, le Krautrock, la musique électronique, la France et même la musique folklorique portugaise. Tout cela ne doit pas être oublié quand on analyse la musique de Saturnia. Je n'ai pas l'habitude d'étiqueter l'art, qu'il s'agisse de musique ou d'autre chose car les étiquettes sont souvent trop simplistes et jusqu'à un certain point réductrices. Elles tendent à détruire l'imagination de l'auditeur et les possibilités de création des artistes. La catégorisation hermétique et la commercialisation de l'art sont la principale raison de l'horrible état non imaginatif de la musique aujourd'hui.

PR - Muzak m'a souvent fait penser à tout premier Pink Floyd...

LS - C'est une influence pour laquelle je suis reconnaissant car ce genre de musique. Et je ne suis pas une exception même si je dois dire que Saturnia est plus proche de, par exemple, des groupes comme Pulsar ou certains autres groupes de Krautrock allemand. Bien que Saturnia ait des influences esthétiques bien définies et assumées, il a aussi un mélange et une vibration qui lui sont propres et de beaucoup de manière assez uniques.

PR - Votre dernier album me semble moins planant, plus « nerveux », plus rock peut-être que les précédents ?

LS - Je suis d'accord. Cet album est le résultat d'une tentative d'optimisation de toutes les ressources de Saturnia, pas seulement d'un point de vue lyrique ou de celui des instruments, mais aussi du point de vue des compositions et de la production. Le résultat est un album qui je sens a gardé l'identité de Saturnia intacte. Mais peut-être aussi a-t-il apporté un côté plus abrupte, et immédiat que les albums précédents. Muzak est un album qui peut être compris et apprécié tant par un néophyte du psychédélique que par quelqu'un qui aime déjà ce style musical. J'en suis assez satisfait, et c'est assez inhabituel. Je crois que la mutation du son de Saturnia, d'un album à l'autre est visible et positive. Dans le premier CD, l'idée était de ramener la grandeur des vieux jours à une dimension contemporaine. Depuis, ce que tu entends entre Saturnia et Muzak sont différents cycles de raffinement, de personnalisation et de développement de manière progressive du concept original.

PR - Quel est le processus de création d'un album

de Saturnia ?

LS - J'ai mon petit studio, ce qui me donne le luxe de mettre sur bande toutes mes idées dès que je les ai. Donc, je suis perpétuellement en mode productif. Pour moi, enregistrer et produire sont deux facettes du même processus de création. D'habitude, je commence à enregistrer un thème principal, puis j'improvise aléatoirement autour de différents rythmes et accords avec différents instruments ou sons. Après avoir réuni tout ce qui me semble être utile pour un morceau, je reprends des parties, je les rejoue, les ré-enregistre, etc, pour créer une forme hors de la masse. J'ai la même approche que certains artistes pour certaines formes de littérature ou de peinture.

PR - Saturnia, c'est le projet d'un seul homme ?

LS - Saturnia a toujours été en partie le projet d'un seul homme. Je jouais de tous les instruments dans les premiers albums et la majorité de ceux-ci dans Muzak. Je n'ai juste jamais voulu donner l'impression qu'il s'agit d'un projet en solo parce que Saturnia n'est pas moi. C'est une entité en elle-même. Quand j'ai commencé, ce n'était pas mon idée de faire tant de choses par moi-même. C'était même presque l'opposé. Ce n'est que progressivement que les choses sont allées dans ce sens.

PR - Muzak est le premier album signé chez Elektrohasch qui est un label qui signe de plus en plus de groupes classés psychédéliques.

Est-ce une volonté de ta part ?
LS - J'ai été en contact avec Elektrohasch par le web. Stefan a aimé l'album et j'ai signé avec lui, tout simplement. Je suis très attaché à une totale indépendance de créativité et de liberté, ce qui est la base fondatrice de Saturnia. D'un autre côté, il y a des problèmes en n'étant pas lié à une maison de disque en permanence, particulièrement au niveau de développer le nom d'un groupe à travers les années. Dans le cas de cet album, je pense que nous nous sommes entendus et que la vibration est bonne entre nous. Ce serait bien de développer cette relation.

PR - Comment vois-tu l'avenir de Saturnia ? As-tu déjà des projets en tête pour un nouvel album ?

LS - J'essaie de ne pas trop anticiper. Je me laisse aller avec le courant. Le plan est de continuer de faire plus de musique et plus d'albums sans trop m'inquiéter des tendances. Dans un futur immédiat, je planifie de faire plus de concert et puis de travailler sur le prochain album de Saturnia. J'ai déjà une vingtaine de pièces qui pourront être le point de départ d'un nouvel album que je voudrais finir cette année ou l'année prochaine. On verra comment ça ira.

